

Culturas Negras e Recepção Sociodiscursiva: Análise do Programa Saia Justa (temporadas 2017 e 2018) e Interações dos Sujeitos na *Fanpage* do Canal GNT¹

Cássio Reis da SILVA²

Dafne Reis Pedroso da SILVA³

Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, SC

RESUMO

A pesquisa investigou a inserção de Taís Araújo e Gaby Amarantos no elenco do programa Saia Justa (2017 e 2018) e como foram abordados os temas sobre culturas negras, assim como analisadas as leituras do público nas postagens acerca de questões raciais no *Facebook* do canal. A metodologia se deu a partir da análise de conteúdo e teoria fundamentada analisando 4 publicações do programa e colheram-se 100 comentários iniciais de cada uma. Concluiu-se que a maioria das reações eram opositoras.

PALAVRAS-CHAVE: culturas negras; Saia Justa; interações.

De acordo com Martín-Barbero (2006), dentro do contexto da comunicação, é preciso refletir sobre a hegemonia comunicacional na sociedade. Além disso, o autor complementa ao afirmar que por esta razão é necessário analisar uma nova configuração no percurso das mutações tecnológicas, explosões e implosões de identidades e remodelagens políticas das heterogeneidades. Esse novo arranjo comunicacional composto de diferentes sujeitos pode corresponder ao que o programa Saia Justa do GNT vem aplicando desde 2017 ao inserir em seu elenco, pela primeira vez, representantes da comunidade negra e, conseqüentemente, introduzir temáticas sobre culturas negras em seu repertório.

Em “O Livro da Filosofia”, no capítulo “Filosofia Contemporânea”, trabalha-se a ideia do psiquiatra e filósofo Frantz Fanon (2011, p. 300) o qual aponta que “Para o negro há somente um destino, e ele é branco.” visto que, considerando o histórico de discriminação racial, a pessoa negra só consegue visualizar um meio para ser utilizado e aplicado em sua vida e ele não corresponde a sua cor. Essa realidade se estende até hoje,

¹ Trabalho apresentado na DT 5 – Comunicação Multimídia do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduado no curso de Publicidade e Propaganda da UNOCHAPECÓ, e-mail: cassio.silva@unochapeco.edu.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Produção de Produção Audiovisual da UNOCHAPECÓ, e-mail: dafnepedroso@unochapeco.edu.br

todavia, a comunidade negra e os meios de comunicação, especialmente não hegemônicos, estão realizando movimentos para reconstruir tal ideia e, com isso, pluralizar cada vez mais o cenário midiático. Outro exemplo do GNT - o qual pertence ao Grupo Globo segundo o *site*⁴ da própria programadora - em trabalhar com essa diversidade étnica são os programas Superbonita e Papo de Segunda ao colocarem em seus quadros pessoas negras em 2017 e 2018, respectivamente. Tal deslocamento, no entanto, demora a acontecer na mídia em razão de preconceitos e normatizações relacionadas à cor e ao gênero, pois as mulheres negras, além de suportarem discriminação étnica, são afrontadas frequentemente pelo machismo, ponto impregnado nesse contexto.

A respeito disso, Coutinho (2010, p. 53) relata que “[...] enquanto o preconceito contra os negros é velado [...], o preconceito contra as mulheres [...] é, ao contrário, muito mais explícito e aceito socialmente, muitas vezes sendo considerado normal ou salutar.” Coutinho (2010, p. 54) adiciona em outra fala que “Mais do que os papéis étnicos, os papéis de gênero estão ainda mais arraigados na estrutura na qual as diversas sociedades ao redor do mundo se sustentam.”

Contudo, mesmo na presença de uma prática desigual por diferentes fatores, a chegada de pessoas negras à realidade predominantemente branca está, aos poucos, ocorrendo com mais frequência nos espaços tradicionais. Por este motivo a pesquisa tem como mote justamente essa inserção de novas identidades, representações e culturas em um quadro que produz e força a presença da branquitude.

Dessa maneira a investigação utiliza o programa Saia Justa (temporadas 2017 e 2018) como objeto de referência exploratória com objetivo de analisar de que maneira ocorre a inclusão da mulher negra como apresentadora e quais são as reações e/ou interações do público na *fanpage* do GNT em relação às publicações.

O espaço do programa investigado é composto por diversos assuntos desde sua criação. Todavia, em 2017, com a entrada de Taís Araújo, e, em 2018, com a de Gaby Amarantos, pautas acerca das culturas negras e seus desdobramentos estão sendo debatidas com maior frequência. Valente (1994), ao tratar da desigualdade racial, explica a questão da discriminação étnica no Brasil. Sobre a ilusão da democracia racial ela afirma

⁴ Disponível em: <https://grupoglobo.globo.com/quem-somos/> Acesso em: 10 ago. 2018.

que “O racismo, aqui, é diferente. Ele é sutil, camuflado. Ora se esconde, se disfarça, ora se revela. As razões dessa diferença são históricas [...]” (VALENTE, 1994, p. 42).

A ideia de uma democracia racial no Brasil é facilmente contestada quando se observa a realidade do sistema midiático e outros espaços. A fala da mestre em filosofia política, Djamila Ribeiro, em uma entrevista⁵ para o Estadão, em 18 de dezembro de 2017, no blog Direto da Fonte de Sonia Racy, elucida esse cenário. Ao explicar o que é o lugar de fala - título do seu livro lançado em 2017 - ela diz que “É pensar, sobretudo, quem foi autorizado a falar numa sociedade racista, machista. É só a gente começar a olhar as próprias produções bibliográficas dos nossos cursos, é só a gente começar a olhar quem são, numa redação, jornalistas.” (RIBEIRO, 2017, p. 2).

Quando, de fato, analisa-se a representação das corporalidades no campo comunicacional visualiza-se uma sequência homogênea de indivíduos brancos. Empregando-se essa observação no GNT, conta-se em apenas uma mão a quantidade de pessoas negras que apresentam um programa atualmente na emissora - Karol Conka, Gaby Amarantos, Emicida e Bela Gil. Tal falta de representatividade no canal pode ser atribuída quando Silva (2015, p. 13) coloca que “Ainda hoje a cultura negra brasileira não é vista de uma maneira positiva, além disso, tudo que é retirado dela acaba sendo titulado como algo exótico, como exemplo os turbantes, a capoeira e até o cabelo afro [...]” Ao aprofundar essa questão da não ou pouca representatividade especificamente no objeto deste trabalho, nota-se que ela ainda está viva ao examinar as identidades que compõem a atual temporada do programa. Pois, mesmo numa tentativa de adicionar certa dose de heterogeneidade na produção, ela ainda continua sendo minoria - uma mulher negra, que participou, em 2013, do Medida Certa, no Fantástico, na Rede Globo, para três mulheres brancas e magras dentro de um padrão físico.

⁵ Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2017/12/estadao-18122017_Ser-negra-aqui-e-ser-estrangeira-no-proprio-pais-diz-Djamila-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 19 maio 2018.

Figura 1 – Elenco do Saia Justa em 2017 (à esquerda) e 2018 (à direita).



Fonte: Painel elaborado pelo autor (2019).

Ao abordar enredos como o da representatividade no âmbito midiático, justamente por tratar de tramas pouco discutidas, gera-se, de alguma forma, uma reação polêmica ou de oposição por parte da audiência. Hoje em dia, os diferentes formatos de comunicação possibilitam às pessoas maior espaço e autonomia para emitirem opinião e produzirem um comportamento e/ou posicionamento. Nesse sentido, ficou mais fácil para o público expressar seu ponto de vista elogiando ou criticando.

Assim sendo, essa série de condutas dos espectadores intensificou-se especialmente entre a televisão e a internet em decorrência do fenômeno da convergência, o qual segundo Jenkins (2009) acontece em conformidade ao momento em que os consumidores são conduzidos a rastrear novas informações e formar elos com os repertórios ofertados pela mídia. Exemplo disso foi o caso do *youtuber* Júlio Cocielo que, segundo a Folha de São Paulo⁶, fez o seguinte comentário racista no *Twitter* sobre o jogador francês de futebol Mbappé, que é uma pessoa negra, “Mbappé conseguiria fazer uns arrastão top na praia hein?”. Após isso, o público ficou revoltado com sua declaração e encontrou *tweets* antigos preconceituosos do influenciador digital. A Folha de São Paulo ainda disse que por causa desse episódio, o *youtuber* perdeu contratos com algumas marcas que eram suas parceiras em ações.

Dessa maneira, é possível observar a habilidade de controle desse novo cenário por meio das mudanças realizadas no contexto comunicacional. Tal questão acontece de

⁶ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/07/apos-post-considerado-racista-sobre-jogador-frances-youtuber-julio-cocielo-perde-patrocinadores.shtml>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

maneira tão acentuada a ponto de, conforme Cannito (2010), essa nova tecnologia alterar os processos de produção de conteúdo, disseminação, interatividade, dentre outros.

De acordo com Fechine (2016, p. 2):

Hoje, há um leque variado de espaços na Internet que podem ser considerados como verdadeiros prolongamentos dos programas, nos quais tanto os produtores desenvolvem e disponibilizam conteúdos complementares ou associados aos programas exibidos na TV, quanto os internautas compartilham e retroalimentam suas interpretações, enviando e/ou recebendo comentários sobre aquilo a que assistem por meio, sobretudo, das redes sociais digitais (Facebook, Twitter, Instagram etc.).

A convergência está amarrada a materiais tecnológicos e a serviços criados, porém, também está introduzida, conforme diz Jenkins (2009), nos ambientes pessoais. Outra perspectiva a qual se relaciona a tal prática é a democratização digital, que como fala Cannito (2010), colabora com a evolução de novos paradigmas de produção audiovisual. Atitude que nela pode ser reconhecida traços dessa democratização digital foi o vídeo gravado no início de 2018 pelo repórter Edu Carvalho do FaveladaRocinha.com e os *youtubers* Spartakus Santiago e AD Junior.

Conforme afirma O Globo⁷, eles elaboraram um vídeo com dicas de como a comunidade negra deveria se comportar em espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro em razão da violenta realidade que a cidade carioca tem, especialmente com sujeitos negros. O Globo diz que em 24h o vídeo foi visto por quase 1 milhão de pessoas e compartilhado 32 mil vezes. Dentre os processos metodológicos utilizados dois ganharam destaque durante a elaboração desta pesquisa. O primeiro foi acerca da Teoria Fundamentada, o qual Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 83) dizem que “[...] é, justamente, aquela em que a teoria deve emergir dos dados, partir de sua sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades.” Elas adicionam a essa ideia que “Ela prevê uma inversão no método tradicional de pesquisa, no qual o pesquisador deve ir a campo livre de suas pré-noções e, portanto, livre de hipóteses e conceitos e, apenas a partir de sua vivência empírica e do processo do método, é que deve elaborar os conceitos teóricos.” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 83).

⁷ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/video-ensinando-populacao-negra-como-agir-durante-intervencao-viraliza-na-internet-1-22409728>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

Além desse, outro importante é empregado com o foco de averiguar o produto em si: a análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2016, p. 5) este mecanismo é “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados.” A autora adiciona que “Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.” (BARDIN, 2016, p. 31).

Sobre a definição da amostragem, o processo para definir a desta pesquisa se iniciou contabilizando quantos episódios o programa teve em 2017 e 2018. De acordo com o GNT *Play*⁸ em 2017 foram 47 programas e em 2018, até 31 de outubro, 35 foram ao ar. Dentro dessa totalidade de 82 programas, 279 publicações foram feitas, na aba vídeos, na *fanpage* do canal a respeito do Saia Justa entre 22 de fevereiro de 2017 até 31 de outubro de 2018. A partir dessa coleta as postagens foram divididas em 3 categorias propostas pelo pesquisador, são elas: categoria outros (152 publicações tratavam de reportagens do programa, *lives* do programa na íntegra, esquetes, chamadas, aberturas, paródias, chamadas/comentários sobre outros programas da emissora, etc); categoria trechos do programa (116 eram trechos dos programas nos quais as apresentadoras debatiam sobre assuntos diversos) e categoria temática culturas negras (11⁹ eram conversas acerca da cultura negra, racismo, identidade negra, etc).

Após isso, foram escolhidas 4 publicações das que tratavam sobre a comunidade negra e seus desdobramentos em razão delas terem um posicionamento mais direto e definido. De forma cronológica as postagens foram: Dia Nacional da Consciência Negra (publicado em 20/11/2017), Por que está se falando tanto sobre essa morte? (publicado em 21/03/2018), Dívida Social (publicado em 21/03/2018) e A gente cansa de explicar o óbvio (publicado em 05/06/2018). Na primeira Taís Araújo discorre sobre a realidade da questão racial no Brasil, a segunda e a terceira possuem vínculo com a morte da vereadora

⁸ Disponível em: <https://globosatplay.globo.com/gnt/saia-justa/> Acesso em: 28 abr. 2018.

⁹ Post Empatia com Serena Williams (publicado em 19/09/2018), Post Dra. Valéria (publicado em 14/09/2018), Post A Gente Cansa de Explica o óbvio (publicado em 05/06/2018), Post Empatia (publicado em 28/03/2018), Post Dívida Social (publicado em 21/03/2018), Post Por que está se falando tanto dessa morte? (publicado em 21/03/2018), Post Lugar de Fala (publicado em 30/01/2018), Post Dia Internacional da Consciência Negra (publicado em 20/11/2017), Post Taís Araújo convidada para o MIPAD (Most Influential People of African Descendent) (publicado em 06/10/2017), Post Taís Araújo sobre a homenagem recebida no MIPAD (publicado em 05/10/2017), Post Dia Internacional Contra a Discriminação Racial (publicado em 21/03/2017).

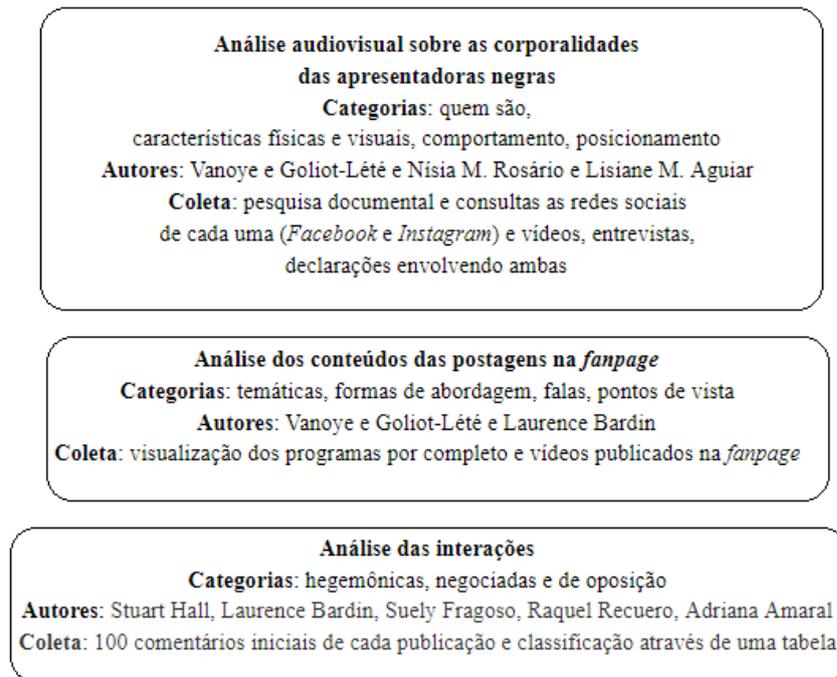
Marielle Franco e a quarta Gaby desabafa sobre o quão cansada e triste está de ter que explicar o óbvio a respeito das questões raciais, representatividade, etc.

Quadro 1 - Programas e Publicações

	DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA	POR QUE ESTÁ SE FALANDO TANTO NESSA MORTE?	DÍVIDA SOCIAL	A GENTE CANSA DE EXPLICAR O ÓBVIO
O QUE DESENCADEOU O DEBATE?	A preparação para o mundo a partir do depoimento da ativista de direitos humanos Tamika Mallory.	A morte da Vereadora Marielle Franco.	A morte da Vereadora Marielle Franco.	Depoimento em vídeo da ativista e youtuber Ana Paula Xongani sobre o racismo que sua filha sofreu.
TEMÁTICA DO PROGRAMA	Preparação para o mundo.	Marielle, o legado.	Marielle, o legado.	A solidão da mulher negra.
TEMÁTICA DA PUBLICAÇÃO	A criação que Taís recebeu de seus pais enquanto pessoas negras e a preparação das crianças diante de uma realidade desigual.	Questionamentos acerca da grande repercussão da morte de Marielle e desigualdade racial.	Desigualdade racial.	A realidade da mulher negra.
ABORDAGEM (PROGRAMA E PUBLICAÇÃO)	Discussões, exemplos externos, depoimentos pessoais, vivências, desabafos, etc.	Discussões, exemplos externos, depoimentos pessoais, vivências, desabafos, etc.	Discussões, exemplos externos, depoimentos pessoais, vivências, desabafos, etc.	Discussões, exemplos externos, depoimentos pessoais, vivências, desabafos, etc.
QUEM FALOU MAIS/SE DESTACOU NOS PROGRAMAS	Taís Araújo.	Todas participaram de maneira igual.	Todas participaram de maneira igual.	Monja Coen.

Apoiando-se nesses 4 objetos, também foram feitas análises dos 100 primeiros comentários de cada uma verificando as impressões iniciais perante as postagens, considerando as possíveis interações que eles trazem consigo, e na intenção de adentrar mais a fundo nessa questão a fim de se aproximar o máximo do problema desta pesquisa, apurando como os sujeitos interagem perante essas temáticas em um ambiente digital. As articulações metodológicas, por fim, podem ser resumidas no fluxograma abaixo:

Figura 2 - Fluxo Metodológico



Fonte: Fluxograma elaborado pelo autor (2018)

O primeiro movimento feito foi em cima da análise audiovisual sobre as corporalidades das apresentadoras negras a partir de quem elas eram, suas características físicas e comportamento/posicionamento. Diante disso, o processo de coleta e descrição delas permitiu que se chegasse a conclusões que apontassem pontos comuns e diferentes. Taís e Gaby são duas mulheres do meio artístico, casadas e mães com uma postura muito engajada e consciente acerca de diversas questões sociais, especialmente as que elas pertencem - feminismo e igualdade racial. Todavia, enquanto a primeira possui a pele mais clara, é magérrima, mais séria, de poucos sorrisos e optou por não se vestir de forma tão colorida e estampada, a outra é de pele mais escura, “gorda”, mais alegre e sorridente, com um visual mais colorido e estampado, expansiva e com um tom de voz mais suave.

Em relação às publicações fez-se uma análise dos conteúdos das postagens na *fanpage* do GNT a partir das temáticas, abordagens, falas e pontos de vista. Os 4 vídeos selecionados, por serem recortes, mostram rápidas discussões acerca de temas específicos os quais pertenciam a assuntos tratados de forma mais ampla no programa. A primeira delas, na qual Taís está presente e cujo título é Dia Nacional da Consciência Negra, tratou de uma conversa sobre como foi a criação que a apresentadora recebeu de sua família

enquanto pessoas negras visualizando uma realidade desigual à comunidade negra na sociedade.

As outras, que tinham como nome Por que está se falando tanto nessa morte?, Dívida social e A gente cansa de explicar o óbvio, são estreladas por Gaby. Nessa ordem, a primeira abordou a grande repercussão da morte da vereadora Marielle Ribeiro e suas atribuições, a segunda debateu sobre a desigualdade racial ainda estar muito viva no Brasil - também utilizando o cenário da morte de Marielle como contexto - e a última foi sobre o cansaço no qual a apresentadora se encontrava por explicar repetidas vezes sobre as questões explícitas acerca do racismo, representatividade, etc. Nesse sentido, observou-se que existia uma espécie de agendamento por parte da emissora em pautas recorrentes quanto a questões raciais. No entanto, após o programa sobre a solidão da mulher negra - episódio que originou a última publicação analisada - se percebeu, em contrapartida, um silenciamento sobre os debates a respeito da comunidade negra e seus desdobramentos, pois, acredita-se, ter sido uma cena muito intensa e que deixou nítida a exaustão de Gaby em opinar frequentemente o mesmo discurso, e, além disso, os comentários na *fanpage* também podem ter ocasionado uma reavaliação por parte do canal em relação a essa sequência de pautas.

Das interações coletadas de todas as postagens foi possível visualizar que, de modo geral, os comentários opositores predominaram perante os recortes publicados na *fanpage* do canal. Essa realidade pode ser atribuída a ideia sobre a ilusão de uma democracia racial que Valente (1994) trabalha. Ela diz que no Brasil o racismo atua escondido, se ocultando e se mostrando. Ou seja, considerando o grande volume de comentários opositores às discussões, as quais se elaboravam em torno de preconceitos, desigualdades, intolerância, falta de representatividade, etc, que desqualificavam as falas e o programa como “Mulherzinha vitimista”, “Pior formação do programa... até da preguiça de assistir.. aff”, “Falou a negra de cabelo loiro e alisado”, dentre outros, vê-se essa discriminação racial sendo trabalhada de acordo com a lógica de Valente (1994) e a estratégia de camuflagem nas interações.

Quadro 1 - Contagem dos comentários

	OPOSIÇÃO	HEGEMÔNICO	NEGOCIADO	MENÇÕES	INDEFINIDOS
POSTAGEM 1 - DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA	44 (44%)	10 (10%)	6 (6%)	27 (27%)	13 (13%)
POSTAGEM 2 - POR QUE ESTÁ SE FALANDO TANTO NESSA MORTE?	27 (27%)	28 (28%)	9 (9%)	10 (10%)	26 (26%)
POSTAGEM 3 - DÍVIDA SOCIAL	36 (36%)	23 (23%)	5 (5%)	22 (22%)	14 (14%)
POSTAGEM 4 - A GENTE CANSA DE EXPLICAR O ÓBVIO	8 (8%)	2 (2%)	0 (0%)	87 (87%)	3 (3%)

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2018).

Esta pesquisa teve como intenção entender como a presença de duas apresentadoras negras acontecia no programa Saia Justa durante as temporadas de 2017 e 2018, a partir do desenvolvimento de debates a respeito das temáticas em torno da comunidade negra e como o público interpretava esse processo através das interações realizadas nas publicações da *fanpage* do GNT. Dessa forma, 4 postagens diferentes em datas distintas, as quais abordavam assuntos diversos sobre esse cenário das pessoas negras, observar o modo como a audiência ia acompanhando e sentindo esse movimento de transformação no programa ao trabalhar pela primeira vez com sujeitos negros e uma demanda intensa acerca do racismo, desigualdade social, machismo, representatividade, dentre outras.

Nesse contexto contemporâneo que atua com grandes tecnologias e oportunidades com ofertas de espaços de fala às pessoas visualizou-se que a audiência se apropria dessa realidade para corroborar com o comportamento intolerante às diferenças, sejam elas quais forem. Se, por um lado, as interações coletadas feitas nas publicações demonstram uma forte recepção opositora, que, por sinal, ora se mascaram utilizando outras linguagens ora se exibem de forma nua, por outro representam o quão necessário é o uso desses lugares de fala por pessoas negras. Ponto importante de todo esse processo de

análise é que mesmo o Saia Justa trabalhando com uma ideia de dialogar de forma simples com questões que estão no cotidiano de todas as pessoas e promovendo um contato mais humano com a audiência, ela se apresentou, em sua maioria, ofendida, contrariada, questionada com a presença de duas mulheres negras que se posicionam e lutam contra as desigualdades.

A presença de Taís e Gaby nos episódios se construía não somente pelo discurso delas, mas também pelos seus gestos, características físicas, aparência, etc, além de estar relacionada a situações vividas fora do programa e, também, as suas famílias. Nesse sentido, o público conseguiu se revelar ainda mais ao se ater a outras questões que estavam no campo da existência delas no programa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CANNITO, Newton. **A tv na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.

COUTINHO, Lúcia Loner. **Antônia sou eu, antônia é você: identidade de mulheres negras na televisão brasileira**. 2010. 189 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/2215>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

FANON, Frantz. **O Livro da Filosofia**. São Paulo: Globo, 2011.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FECHINE, Yvana. Tv social, práticas interacionais e modos de presença: contribuição para a delimitação do conceito. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., 2016, Goiânia. **Anais...** Goiânia: Universidade Federal de Goiás/UFG, 2016. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/pdfformatsite_3428.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

RECUERO, Raquel. A Conversação como Apropriação na Comunicação Mediada Pelo Computador. In: BUITONI, Dulcilia Schroeder; CHIACIRI, Roberto Chiachiri. (Org.). **Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo**. São Paulo: Almedina, 2012. v. 1, p. 259-274.

SILVA, Dener Cardoso da. **Cultura negra na internet: expressões identitárias e interações na página faça amor, não faça chapinha**. 2015. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Chapecó, 2015. Disponível em: <<http://konrad.unochapeco.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php>> Acesso em : 4 abr. 2018.

VALENTE, Lúcia E. F. **Ser negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Moderna, 1994.